

Ser ou pertencer? Comportamento e cultura juvenil

Carla Simone Corrêa Marcon¹
Sandro Bortolazzo²

RESUMO

O presente artigo apresenta algumas considerações acerca do comportamento jovem e a necessidade de “pertencimento” enquanto sujeito de um grupo ou comunidade. Utiliza-se como referencial teórico a análise desenvolvida pelo sociólogo Michel Maffesoli a partir do conceito de (neo)tribalismo. Nesse sentido, o neotribal vai à contramão do individualismo – ideia associada aos sujeitos da contemporaneidade. Ao problematizar certo “pertencimento”, a proposição do autor é ousada, já que considera como central o grupo. O dilema indivíduo/sociedade é proposto para tentar compreender as novas formas sociais de solidariedades, generosidades, festividades e cooperativismos. Portanto, pretende-se elencar os conceitos e metáforas utilizadas pelo autor, propondo uma problematização sobre o que ele afirma como “o declínio do individualismo nas sociedades de massa”.

Palavras-chave: pertencimento - cultura juvenil – neotribalismo

To be or to belong? Youth behavior and culture

ABSTRACT

The article introduces some considerations about youth behaviour and the need for "belonging" while the subject of a group or community. The analysis developed by sociologist Michel Maffesoli of the (neo)tribalism concept is used as a theoretical reference. Thus, neotribalism goes into the opposite direction of individualism – an idea usually associated with contemporary subjects. By problematizing the "belonging", the author's proposition is bold, as he considers the group as central. The individual/society dilemma is proposed to try to understand the new forms of social solidarity, generosity, festivities and cooperativisms. Therefore, we intend to list the concepts and metaphors used by the author, proposing a questioning about what he claims to be "the decline of individualism in mass societies."

Key-words: belonging - youth culture – neotribalism

¹ Mestre na área de Estudos Culturais em Educação (ULBRA); e-mail: csmarcon@gmail.com

² Doutorando na área de Estudos Culturais em Educação (UFRGS); e-mail: sandrobortolazzo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O comportamento e a cultura jovem são interesses de estudo nas mais diversas linhas de pesquisa. Isto se dá devido à pluralidade de significações e a complexidade de relações entre si e com a sociedade dentro de um escopo ampliado. O conceito de juventude não está limitado a certos estágios entre a infância e o mundo adulto. O “fazer” parte de um determinado grupo ou uma “tribo” é inerente ao jovem enquanto ser atuante de uma comunidade.

A proposta do presente artigo é apresentar algumas considerações a cerca do comportamento juvenil assim como a necessidade de “pertencimento” enquanto sujeito de um grupo ou comunidade. Um dos referenciais teóricos utilizados dão-se a partir do autor francês Michel Maffessoli e do seu significado dos conceitos de (neo)tribalismo, presente na obra “*O Tempo das Tribos*”. Além disso, também são expostas características que agregam uma explicação do “estar - junto” e das relações de “socialidade.

A configuração de grupos juvenis na contemporaneidade assume caráter múltiplo quando relacionado a todo movimento de expansão do consumo. O desenvolvimento das indústrias culturais e dos meios de informação e comunicação de massa atrelado a oferta de bens e atividades de lazer descrevem pontos essenciais na formação dos (novos) sujeitos da juventude pós-moderna. Na busca em configurarem-se seres únicos e dotados de originalidade, os jovens lançam mão de artefatos, modismos e posturas que outorgam um significado individual, no qual são respondidos seus anseios e desejos.

Contudo, além desta formação, envolta diante de uma série de significações, está presente um certo “*ethos*”, ou seja, um “eu” pertencente a um determinado grupo. O jovem deve sentir-se parte integrante, e que de uma forma ou de outra, “concorde” com as regras do grupo, com as escolhas de consumo, com a moda e com a postura aceita anteriormente por este indivíduo permeado por desejos e subjetividades.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de um rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade (BAUMAN, 2005, p. 17)

Na construção do “comigo mesmo”, subjetividades se entrelaçam na relação com o outro em tempos e espaços sociais específicos. A própria caracterização do jovem vai desenvolver-se neste cruzar de informações e, portanto, sentir-se seguro e “pertencente”. Todo “aquele” ou “aquilo” que não faz parte de um determinado grupo é rechaçado ou rejeitado.

NO COMPASSO DAS TRIBOS: O COLETIVO E O INDIVIDUAL

Os critérios que constituem o “ser jovem” se dão na esfera do histórico e na esfera cultural, por isso é tão complexo e árduo construirmos uma definição da categoria juventude. Cada sociedade, de acordo com seu tempo histórico, atribui uma significação, uma condição e uma postura específica sobre o jovem. Daí pode-se perceber que teremos uma “diversidade” de representações, pautada ora nas condições sociais ou culturais, ora nas condições de gênero ou em aspectos geográficos.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação para a vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 42)

A diversidade de posicionamentos juvenis faz-se presente no momento em que analisamos seus movimentos enquanto sujeitos imbricados de significações. Desta maneira, urgem constantes situações em que este indivíduo, ao mesmo tempo em que considera-se um ser único e individual, também apresenta a necessidade de se configurar junto a um grupo (ou vários) para corroborar a sua personalidade. A constituição de sujeitos advém deste processo mais amplo, que envolve a juventude e as especificidades que acabam marcando a vida de cada indivíduo.

As experiências sociais entre os jovens são expressas, na maioria das vezes, na coletividade. Assim, em um sentido bem amplo referimo-nos às culturas juvenis, localizando-as fundamentalmente no tempo livre ou em espaços da vida institucional. (FEIXA PAMPÓLIS, 1999)

Michel Maffesoli em “*O Tempo das Tribos*” nos conduz a uma reflexão sobre estes fenômenos contemporâneos onde encontramos a cultura juvenil

vinculada com a metáfora de “tribos”. Vale ressaltar aqui que a utilização do termo “tribo” não pretende, em momento algum, vincular-se com o conceito antropológico da palavra, busca-se sim observar a metamorfose do vínculo social. Desta forma, “... *é preciso saber se contentar com as metáforas, analogias, imagens, todas coisas vaporosas que seriam os meios menos piores possíveis para dizer “o que é”, o que está em estado nascente.*” (MAFFESOLI, 2006, p. 5)

É para dar conta desse conjunto complexo que proponho usar, como metáfora, os termos de “tribo” ou de “tribalismo”. Sem adorná-los, cada vez, de aspás, pretendo insistir no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais (MAFFESOLI, 2006, p. 28)

É preciso registrar que a “tribo” aqui exposta constitui uma forma de organização mais ampla que vai além das divisões de clã ou linhagem de um lado e de aldeia, de outro. Trata-se de uma aliança que aciona lealdades para além dos particularismos de grupos domésticos e locais.

A “metáfora da tribo” sinaliza um processo de “desindividualização” e da valorização do papel que cada pessoa é chamada a representar dentro do grupo. Todavia, os processos culturais vertiginosos da sociedade contemporânea não se cristalizam e tão pouco tornam-se estáveis, podendo as pessoas que compõem estas tribos evoluírem de uma para outra.

O TRIBALISMO MODERNO: UMA CERTA SUBJETIVIDADE

De acordo com Costa (2006) as subjetividades tendem a deslizar, fluir, e podem tornar-se diversas. Nem todas as pessoas sujeitas aos mesmos discursos são subjetivadas da mesma forma e não há um determinismo inescapável e total. Portanto, a subjetividade envolve o conhecimento em si, tudo o que diz respeito ao simbólico, a emoção e a representação que o próprio indivíduo faz da realidade. Trata-se de uma relação do “eu” com o mundo.

Em Foucault (1989), um dos pensadores contemporâneos que mais se dedicou à questão da subjetividade, vai se procurar os processos sociais de construção da subjetividade através do conhecimento das categorizações, das instituições, dos mecanismos de inclusão e exclusão que produzem os padrões de sensibilidade, os estilos de vida e a maneira/ modo de existir do próprio

sujeito. Além disso, “o sujeito unificado e poderoso da filosofia moderna passa a ceder lugar ao sujeito descentrado, pós-moderno, despojado de uma identidade fixa, essencial ou permanente”. (COSTA, 2006)

No tribalismo, dá-se a reunião de grupos de identificação em torno de totens contemporâneos como, por exemplo, o futebol, a religião e as festas em geral. O processo de tribalismo pós-moderno insere-se na dualidade inserção/exclusão, pois os membros devem ou adaptar-se ao ambiente ou serão expulso do convívio social. Por isso, os processos tribais envolvem dinamicidade, reagrupamentos constantes. Surgem novas tribos a cada dia e desaparecem tantas outras.

O conceito de neotribalismo carrega consigo a característica de fluidez e dispersão. O grupismo (neotribalismo) das sociedades ditas complexas é a constatação de uma rede rica de discussões conceituais. São muitos os exemplos que permeiam o ambiente emocional onde o tribal se desenvolve. Os exemplos não espantam mais ninguém e hoje já fazem parte da paisagem urbana. Os punks, os skinheads, os ravers, e outras tribos representam o espetáculo que vem sendo construído nas megalópoles contemporâneas. Nas tribos, o indivíduo está imerso no chamado ambiente emocional, ou seja, é através desta ambientação que vão surgir os partilhamentos de sentimentos e sensações.

Os habitantes do líquido mundo moderno buscam construir e manter as referências comuns das identidades em movimento – lutando para juntar-se aos grupos igualmente móveis e velozes e tentar manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (BAUMAN, 2005).

Ainda segundo Bauman, existe uma crescente demanda pelas chamadas comunidades “guarda-roupa”. Elas existem apenas nas aparências e penduram os problemas individuais como o fazem os frequentadores de teatros. Essas comunidades duram o tempo exato do espetáculo, ou seja, quando termina, apanham seus casacos nos cabides e prontamente vão embora.

O cenário pós-moderno encontra como uma das suas palavras –chave, o imaginário. Maffesoli (1995) em sua obra *A Contemplação do Mundo traça relações entre imaginário, estilo e cultura*. Para o autor, o imaginário é a apropriação da cultura e o estilo representa as formas como se dão e se expressam essas apropriações. Seguindo a vertente maffesoliana, constata-se que o estilo de cada época formata o imaginário.

Partindo deste pensamento, pode-se observar a dimensão hedonista e efêmera do ser, que dura pouco e que está implicado no pertencer. É na metáfora da tribo que passamos a pertencer e existir através do olhar do outro, concedendo-nos uma certa estabilidade.

É importante analisar que esse caminho pelas identidades é possível. É comum identificar-se com tribos diferentes, sem uma grande preocupação de fidelidade. O que se observa é a presença de múltiplas identidades ao contrário de uma única. Não temos mais identidade e sim uma série de identificações sucessivas. Vou me sentir parte daquela tribo com a qual eu estou ou me identifico no momento. (MAFFESOLI, 2006)

A IDENTIFICAÇÃO DO AGORA

Não é só o jovem que necessita fazer parte de uma determinada “tribo”, todo ser humano tem a preocupação em pertencer a um grupo cujas regras sejam claras e que lhes permitam transitar por ele de modo confiante e seguro. Entretanto tem-se observado que no universo juvenil a identificação gera aglutinados ao redor de modismo, de estilos, de comunidades virtuais, de celebridades, e implica num “estar - junto”, mesmo que este seja efêmero e passageiro.

Em determinadas épocas são predominantes certos tipos de sensibilidades, um tipo de estilo destinado a especificar as relações que se estabelece com o outro. Então, mais do que apenas uma fusão de indivíduos a partir de suas associações contratuais e racionais, tem-se a formação de grupos ou “tribos” relacionadas a partir de uma dimensão afetiva e sensível.

(...) Em todo caso, os matizes da vestimenta, os cabelos multicoloridos, e outras manifestações servem de cimento. A teatralidade instaura e reafirma a comunidade. O culto do corpo, os jogos de aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla onde cada um é “comum a todos”. A acentuação esta menos no que particulariza do que na globalidade dos efeitos. (MAFFESOLI, 2006, p. 134)

As características do conceito de socialidade nos servem de “pano de fundo” no intuito de elucidar as relações de pertencimento intrínsecas nos mais variados grupos, “tribos” ou comunidades contemporâneas. A “representação de papéis” é uma prerrogativa desta socialidade. O sujeito, tanto dentro do seu espaço profissional, quanto dentro das diversas tribos que participa, muda de

figurino, de gostos (sexuais, culturais, religiosos, emocionais, etc.) assumindo papéis e representações condizentes com o ambiente que está. Isto lhe permite pertencer ora a um grupo, ora a outro, apenas adotando a necessidade do “estar - junto”.

A fluidez que este comportamento proporciona cria uma multiplicidade de relações e possibilita a este sujeito fazer parte de uma diversidade de grupos em momentos determinados, escolhidos por ele de forma a (re)afirmar sua posição no universo de artefatos culturais. Porém, é preciso que exista uma liberdade dinâmica para poder “passear” por outros grupos. Os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhe impõe. (PAIS, 2006)

O que se costuma denominar “sentimento de pertença” só existe nos de dentro, dado que eles foram atingidos por uma interpelação de maneira completamente diferente do que aconteceu aos de fora. É esse sentimento de pertença que confere a identidade ao grupo e a cada um de seus indivíduos. (VEIGA NETO, 2000, p.60)

Dentro da cultura juvenil, a exemplificação da socialidade é latente, pois estes indivíduos permeiam e participam de diversas “tribos” buscando caracterizar-se como indivíduo ativo de um grupo (ou grupos) específico. É o caso, por exemplo, do pagodeiro que oito horas por dia é *moto-boy*³; do vestibulando que à noite é *gótico*⁴; do estudante participante dos *eventos animê*⁵, devidamente paramentados com seu *cosplay*⁶ de personagens de

³ *Moto-boy*: é um profissional que utiliza uma motocicleta para fazer entregas e receber diversos tipos de objetos: pizzas, fast-food em geral, documentos, pagamentos de boletos bancários etc.

⁴ *Gótico*: indivíduo que se identifica com o estilo de vida da subcultura gótica, estando ele associado, principalmente, a gostos musicais dos anos 80 até o presente e a estética (visual, "moda", vestuário, etc) com maquiagem e penteados alternativos (cabelos coloridos, desfiados, desarrumados) e uma certa "bagagem" filosófica. A música se volta para temas que glamourizam a decadência, o niilismo, o hedonismo e o lado sombrio.

⁵ *Evento animê*: encontro entre os admiradores e fãs de desenhos animados inspirados em mangás (um tipo de história em quadrinho tipicamente japonês. Nesses encontros, os participantes entram em contato com os mais variados artefatos disponíveis e relacionados com a cultura popular japonesa.

⁶ *Cosplay*: é uma espécie de abreviação para "costume play" (costume = roupa / traje / fantasia e play = atuar). Ou seja, o cosplayer se caracteriza com uma indumentária de um personagem de algum livro, mangá, jogo ou filme que se queira homenagear.

desenho animado; do universitário que participa incansáveis horas de festas *raves*⁷.

(...) A energia, a exaltação e a atividade mais exasperada são seguidas da indiferença, da inércia e do desgosto. A alegre exuberância, a risada e a euforia são abandonadas e se põe no lugar a depressão, o humor negro e a melancolia. O egoísmo, a vaidade e a presunção vão de braços dados com a autodegradação e a timidez e igualmente um desenfreado egoísmo com um altruístico idealismo. (CARRANO, 2000, p. 16)

Esta volatilidade do comportamento jovem nos faz compreender a necessidade de estarem em contato com um grupo onde seus anseios e suas carências sejam a utopia principal que este procura ao fazer aliança com tribo B ou C.

O INDIVÍDUO E O INDIVIDUALISMO: A MARCA DA SOCIEDADE TRIBAL

Para Maffesoli (2006), a socialidade trata-se de uma estrutura complexa ou dita “orgânica” característica da pós-modernidade, onde a “massa”, ou o povo, diferentemente do proletariado ou de outras classes, não se apóiam em uma lógica de identidade. Apóiam-se em papéis que estas pessoas podem relacionar através das suas tribos por afeto dentro de um domínio cultural, produtivo, sexual ou ideológico.

O desenvolvimento tribal faz emanar uma ambiência emocional que podem ser ilustrados a partir de inúmeros exemplos de nossa vida cotidiana. “(...) *O sentido para a pessoa é fornecido pela pluralidade das máscaras que a constituem, e pelo contexto no qual suas máscaras poderão expressar-se.*” (MAFFESOLI, 2007, p. 71). Daí a construção deste mundo social, ou seja, este vai se formar a partir do nada, mas se faz a partir dos afetos, das emoções e os instintos. A pluralidade deste sujeito permite a existência individual, pois é próprio do vivenciado, porém esta existência só é possível dentro do grupo ou da “tribo” que lhe dê sentido. Para o autor, na sociedade atual são as identificações tribais que triunfam.

⁷ A *Rave* é uma festa realizada, normalmente, longe dos centros urbanos, em sítios ou galpões abandonados. O evento tem longa duração, variando de 12 horas até 7 dias.

Maffesoli (2006) compara o momento tribal ao período de gestação, desenvolvendo a teoria de que algo é aperfeiçoado dentro do sujeito, experimentado por este e aí sim veremos a expansão deste indivíduo. Assim, compreende-se que as vivências e as experiências partilhadas transformam e transmutam os processos na vida dessas tribos que acabam por constituir a sociedade contemporânea.

SER OU PERTENCER? PARA O ENTENDIMENTO DAS CULTURAS JUVENIS

A rapidez do sistema capitalista exige de todos os que estão sob sua égide uma flexibilidade cambiante. Cicatrizes profundas são provocadas por aqueles que sustentam e vivem essa realidade. No caso da juventude, acontece o mesmo. Um tipo específico de subjetividade esta se formando e vai sendo construída.

Desejos crescentes e voláteis de uma sociedade cambiante rompem a ordem e (re)inventam o espaço e o tempo. As fronteiras das identidades tornam-se flexíveis, não existindo mais uma rigidez quanto ao “ethos de pertencimento”.

Neste contexto, emerge um sujeito ansioso, dúbio. As identidades e subjetividades destes jovens aquecidos pela pós-modernidade, época caracterizada pelo consumo, espetáculo, visibilidades, efemeridades, desenvolvimento de tecnologias de comunicação e informação dentre tantas outras características que poderiam ser citadas, tem sido uma tarefa estimulante para o campo dos estudos culturais que escapam, escorregam e não nos permitem descrever todas suas ambivalências em suas mais infinitas faces.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2004, p. 75)

O fim do trabalho fordista, estilos móveis de vida, tratamentos e modificações do corpo, cirurgias estéticas, práxis estáticas, quedas demográficas, desmoraonamentos das hegemonias, aumento da idade universitária, valores descentralizados, identidades múltiplas exigem

indivíduos diferentes entre si a remodelar-se em continuidade, de acordo com aquele padrão *in progress* com os quais as pessoas se definem jovens a cada vez. (CARNEVACCI, 2005)

O sujeito urdido nas tramas da linguagem e da cultura é o sujeito dos tempos pós-modernos, tempos nem piores, nem melhores do que outros, tempos apenas diferentes, outros tempos. (COSTA, 2006)

A pós-modernidade é uma época de experimentação e de liberdade sob as mais diversas formas. O encontro “tribal” de um prazer coletivo vivido hedonisticamente vai ao encontro do pensamento do sociólogo francês Michel Maffesoli que argumenta que os acontecimentos cotidianos estão sob os pilares do empirismo, e por isso mesmo, tornam-se polissêmicos. “*Não possui um sentido determinado, mas sentidos que são postos à prova e vividos à medida que vão surgindo*”. (MAFFESOLI, 2006, p. 14)

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARNEVACCI, Massimo. *Culturas Extremas*. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*. Rio de Janeiro: n. 1, maio, 2000, p. 11-27.

COSTA, Marisa Vorraber. *Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI*. In: MOREIRA, Antonio Flávio; ALVES, Maria Palmira; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *Currículo, cotidiano e tecnologias*. Araraquara: Junqueira&Marin, 2006. p. 93-109-109.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: n. 24, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jun. 2008.

FEIXA PAMPÓLIS, Carles. *De culturas, subculturas y estilos*. In: _____. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel, 1999.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. Tomaz. T. da Silva e Guacira Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2004.

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PAIS, José Machado. *Busca de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 7-21.

VEIGA NETO, Alfredo. *Michel Foucault e os Estudos Culturais*. In COSTA, Marisa Vorraber (Org). *Estudos Culturais em Educação. Mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.